5.º ANO LISBOA—SABADO, 25 DE ABRIL DE 1925 N.º 1239

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

FERIDAS

Não ha em Portugal quem não sinta hoje um profundo mal estar, pelo dia de amanhã, uma inquietação derivada de magoas que receios se sofrem e de apreensões que, apesar de vagas, atormentam.

Seis milhões de almas querem viver em liberdade, confiadas na certesa de que o esforço do seu braço e as aspirações do seu espirito não serão alvo de qualquer violencia.

Como vencer o desanimo, o pessimismo, a irritação e as rebeldias sempre dispostas a explodir?

Entendemos que ha uma necessidade insufocavel de ajustar a politica á nação, de sorte que esta não seja obrigada a servir-se de meios artificiais e artificiosos para poder respirar.

A indisciplina que se estendeu a todas as classes, mesmo áquelas que teem por obrigação mante-la como timbre do seu orgulho, se por acaso continuar a quebrar elos que tinham a duração dos seculos, arrastar-nos-ha á peor das anarquias, porque será um somatorio de desejos e cubiças desvairados, procedendo ás cegas, sob a inspiração de instintos brutescos.

Haverá um português, digno da sua Patria, a quem agrade esta perspectiva?

Não acreditamos, pois nos repugna admitir que alguem se se comprasa com a visão de ruinas em que se sepultaria a dignidade e o brio de um povo.

Todos devemos reprimir as nossas coleras, dado que ninguem está isento de culpas.

A pavorosa retorica que ha tantos anos nos domina, fez de nós terriveis promotores de tempestades, propagadores de boatos incendiarios, amotinadores de turbas e criadores de miragens douradas que se resolvem em maleficios de varia casta.

A nossa crise, porém, não se abranda com palavras nem com ameaças.

Demanda coragem, sciencia, firmesa, trabalho, patriotismo e desinteresse—as virtudes que engrandeceram o Portugal de nossos pais.

Não esqueçamos que nunca, entre nós, se conservou, duradoiramente, acima dos seus concidadãos, oprimindo-os ou escarnecendo-os, fosse quem fosse—homem ou partido.

Existe uma justiça que condena sem remissão os abusos do poder e os excessos da rua.

Um país que conta tantos seculos de historia conduziu-se sempre com nobreza, evitando enredar-se em conflitos que não tivessem em vista defender o interesse nacional.

Aproveitemos o exemplo de nossos avós: tudo pela Patria contra os apetites dos desalmados.

A Republica não foi implantada para ser a mesa redonda de ninguem.

Demos-lhe a força de que carece para ser justa e a justiça que lhe falta para ser forte.

Individuos, partidos, classes e colectividades de toda a ordem hão de proseguir um unico objectivo—conciliar o povo com o Estado e o Estado com a Lei.

ESTAMOS em pleno regime de censura que, colocada entre os jornalistas e o publico, ela por si só lê os jornais e os devora.

A chamada liberdade de imprensa, neste momento, depende duma liberdade ainda maior—a do silencio.

Rafael Bordallo, por uma humoristica serie de eliminações de orgãos desnecessarios, no tempo da celebrada *lei das rolhas*, demonstrou, caricaturalmente, que o pensamento devia ter a forma duma pêra—a fruta mais pacifica e inestetica que se conhece.

O homem do *Antonio Maria* já não existe, mas o mesmo não podemos dizer da violencia que o inspirou.

O *Diario de Lisboa* sabe, á sua propria custa, quanto pesa uma opinião livre.

E porque o não ignora medita filosoficamente sobre o *Nirvana*.

Que os seus leitores lhe perdoem o mal que os outros lhe fazem.

Esperamos que melhores horas hão de vir e então demonstraremos que a ordem nada tem a recear dum jornal que mede as suas responsabilidades.

Entretanto, ergamos o coração bem alto e digamos o seguinte—de que vale tratar a imprensa, como se ela fôra um orgão de provocações?

A nossa boa fé foi vitima de um erro (chamemos-lhe assim para não azedar os animos facilmente irritaveis).

Prometemos não esquecer a lição.

Amigos do *Diario de Lisboa* empenharam-se, para que nos fosse feita a devida justiça. Jámais esqueceremos a sua dedicação.

E como se dá o caso de *O Seculo* ainda se encontrar suspenso, declaramos, desde já, que não compreendemos que tal se faça.

Se teve qualquer intervenção nos acontecimentos da Rotunda, apure-se a verdade, como exige o seu ilustre director, o sr. dr. Trindade Coelho.

Isso, porem, não impede que continue a circular.

Os jornais, como as pessoas, não interrompem a sua actividade, quando se defrontam com os seus acusadores.

Estes, só por um estranho emprego da força, é que se atribuem o papel de leão.

* * *

NA proxima terça-feira, realiza-se, na Academia dos Amadores de Musica, um sarau de musica portuguesa, devendo a nossa distinta colaboradora Mlle Francine Benoit fazer uma conferencia sobre *O genio artistico*.

* * *

DO nosso amigo e ilustre artista José de Almada Negreiros, recebemos uma carta sobre o seu bailado «A princeza dos sapatos de ferro», que por falta de espaço não podemos publicar hoje.

* * *

DEPOIS duma brilhante viagem, regressou o Orfeon Academico de Lisboa, que, sob a habil direcção do maestro Herminio do Nascimento, percorreu algumas terras de Portugal e Espanha.

* * *

ENCONTRA-SE de luto pelo falecimento de seu avô, o nosso querido amigo sr. dr. Nuno Simões, ilustre jornalista e deputado da nação, ex ministro do Comercio. Apresentamos-lhe os nossos sentimentos de pesar.

Branco e negro...

... ou a luta das especies

O DIARIO DE LISBOA agradece, inteiramente rendido a gentilesas tantas, os cumprimentos que recebeu, durante a sua suspensão, dos seus queridos leitores e das muitas pessoas que só agora principiaram a interessar-se pela sua existencia.

A todos os parlamentares que, nas Camaras, falaram a nosso favor, desagravando-nos de infundadas suspeitas, enviamos os protestos da nossa gratidão, que não passará tão depressa como a de varios cavalheiros a quem nós só consagramos uma carinhosa simpatia que eles vieram a pagar com o beijo de Judas.

Ao sr. governador civil, o sr. dr. Filipe Mendes, que, desde Coimbra, sempre conhecemos como um republicano sem macula, abraçamo-lo comovidamente.

Dos nossos colegas da imprensa só temos a dizer que fizeram por nós quanto lhes era possivel, dentro do apertado das circunstancias em que vivemos.

A Associação dos Escritores e Jornalistas, o Sindicato dos Profissionais da Imprensa e a Associação dos Compositores tambem não ficaram calados, tratando de protestar contra uma situação que nos oprimia, oprimindo tambem a livre manifestação do pensamento.

Dignem-se aceitar o testemunho do nosso profundo reconhecimento.

* * *

NA ilha Xefina, situada no estuario do rio Incomati, uma comissão de oficiais de marinha procedeu em 1908 a trabalhos de agrimensura indispensaveis para um levantamento hidrografico da baia de Lourenço Marques. Dessa comissão fazia parte, como 2.º tenente, o comandante Sacadura Cabral. Para pontos de referencia foram tomados varios montes, sendo dado a cada um deles o nome de cada oficial que fazia parte da missão.

Aquele que até ha pouco tempo conservava o nome do glorioso aviador acaba de desaparecer, por um fenomeno curioso de erosão que o foi desgastando lentamente, arrastando a terra e as arvores para o mar. Simples coincidencia, é certo, mas a verdade é que ambos tiveram a mesma sepultura: o grande mar azul.

* * *

MADAME Iva Rubinstein representou em Bruxelas, com enorme exito, o drama que dois dramaturgos franceses extrairam do estranho e perturbante romance de Dostoievsky — *O Idiota*.

O que mais impressionou o publico foi a emoção ardente com que ela atravessou a scena, durante os quatro actos em que a razão e o misticismo, a realidade e a ficção travam um duelo terrivel.

Alguem que a pôde admirar disse:

—«E' uma mulher que arde na labareda do seu proprio coração, convencida de que a morte é a maior expressão do amor e da vida».

* * *

O PRIMEIRO concerto da orquestra de Madrid foi um acontecimento de arte, absolutamente á altura da espectativa.

O maestro H. Arbós, um «caballero» autentico, pensa dar ao publico de Lisboa um raro ensejo: — reunir no mesmo programa, num grande festival, juntamente com a sua admiravel massa orquestral, os três maiores vultos da musica portuguesa, Viana da Mota, D. Guilhermina Sugia e Francisco de Lacerda.

E' uma boa nova que ouvimos, ontem, em S. Carlos, e que nos apressamos a comunicar a toda a Lisboa de bom gosto.

Tauromaquia

Por terras andaluzas...

Os que andamos nestas «andanzas» taurinas cabemos em duas categorias: os que o fazem por diletantismo, escolhendo praças de cidades desconhecidas ou preferidas, reunindo ás corridas as festas e os monumentos locais, e os que, por obrigação ou devoção, se ocupam exclusivamente das corridas, sem tempo para mais diversões. Os da primeira categoria são «turistas», os da segunda, «toristas». Nós, que já pertencemos á primeira, somos hoje da segunda, e assim passámos a Semana Santa em Cordoba, Sevilha e Cartagena, sem vermos uma «cofradia», apenas divisadas pelo «capirote» dum nazareno ao atravessar duma rua ou adivinhadas pelo rufar igual e repetido dos tambores, noite fora, interrompendo as poucas horas do sono que nos é permitido neste andar de terra em terra, de corrida em corrida.

E' por isso que Cartagena se orgulha de imagens belissimas e de personagens biblicos representados em carne e osso, por cartageneros que compõem uma das mais curiosas Semanas Santas andaluzas. Por toda esta Andaluzia e em torno de Sevilha, insuficiente de capacidade hoteleira, andam ranchos de estrangeiros, desde o francês economico e miudinho, ao alemão pratico e estudioso e ao inglês e americano folgazão e optimista. A maioria é composta por mulheres, algumas bonitas e quasi todas ricas, riquissimas, viajando em automovel proprio e com perolas improprias para a tranquilidade pessoal. Algumas, buscam a aventura com o «toreador» que conhecem das novelas de «espagnolade» e como esta especie de literatura abandonou os processos de Mérimée, com herois bandoleiros e heroinas de navalha na liga, e criou o novo tipo de toureiro cortado á medida do «nobre caballero español», dai a perseguição que sofre certo amigo meu, que não denuncio, porque me não perdoaria a inconfidencia.

A novela, que o acompanha, atrai milionarias louras que, mediante a apresentação dum embaixador ou o pedido interessado do cicerone ou do «concierge» do hotel, solicitam o exame dos fatos do «rejoneador» e outras vezes a visita aos cavalos ou mesmo a excursão á «finca» visinha de Cordoba e que foi morada de «Lagartijo» «el Viejo».

E, entontecidas, como borboletas em torno da luz, entram de se informar das datas das «bull-fly» e aparecem, inesperadamente, nos mais distantes pontos da peninsula, com o unico auxilio do «Baedeker» e do vocabulario do viajante. E, depois de terriveis lutas intimas, triunfa o Sol de Espanha e as amorosas Ladys compõem dificultosamente a declaração, ensinada pelo vocabulario e recitada com uma fleugma que a ouvidos peninsulares soa a decorado, como pedido de copo d'agua ou bilhete para os touros:

—Yó ama Usted mucho.

A aventura termina quasi sempre para as louras ladys com a recordação duma noite marcada a tinta no «abanico» que levam de Espanha, e gravada a fogo no coração, que levam para o País frio e distante, onde se espera o noivo ou o marido, filosofo ou indiferente. Outras vezes são estes que, por distante dignidade desperta ou calculado interesse metalico, provocam o escandalo que abre os tribunais e abala a opinião publica, enchendo colunas de jornais mundanos com nomes conhecidos como a descoberta do tumulo de algum soberano da antiguidade egypcia.

E assim andamos, seguidos dos amorosos exoticos e acompanhados, ás vezes, de três «quadrillas», reunidas no comboio que nos leva á mesma praça, através de Espanha, vendo touros mansos como os de Campos Varela, em que Cañero foi enorme e Lalanda e Posáda foram ... o que são, e bravos touros como o «berresado» de Guadalest que o Cordovez matou dum rojão estupendo, depois de colossais pares de bandarilhas que levantaram a praça num gesto entusiasmado e admirado, como buscando a razão ou o motivo que guiava a emocionante «faena» do bravo cavaleiro-toureiro.

Só mais tarde se soube em Cartagena que a hora de sair Cañero para tourear, já na praça e quando soavam os clarins, se lhe acercou um boletineiro sinistro que lhe entregou um telegrama de Lisboa, laconico e brutal, noticiando a morte da «Bordeaux», da sua «jaca» favorita, celebre em todas as praças, companheira de todos os triunfos, amiga de todas as horas. De bocas mudas para o perigo sahiram soluços e de olhos habituados a verem a morte rolaram lagrimas pelo animal inteligente que, disse Sanchez Mejias, para ser nossa igual só lhe faltava falar. Cañero, palido e abatido, pediu nos que telegrafassemos o desejo de que fosse embalsamada a cabeça da «Bordeaux»... e caminhou para a morte admirando e sobresaltando um publico ignorante da sua dôr.

El Terrible Pérez.

PSICOLOGIA SOCIAL

Maximas

do sociologo

Gustavo le Bon

interpretadas por José Parreira

Pára se poder classificar de vantajoso ou nocivo qualquer acontecimento, é preciso primeiro aguardar o desenrolamento das suas consequencias. Foi assim que os italianos, que a principio se lastimavam de não ter podido ocupar Smirna, mudaram bem depressa de opinião, quando viram a facilidade com que os gregos eram expulsos.

* * *

Os diplomatas, assegurando que a acção da Sociedade das Nações poderá impedir a guerra de invasão por um povo, preferindo a guerra ao pagamento dum pesado tributo, dão prova duma mentalidade talvez virtuosa, mas perigosamente mediocre.

* * *

Ha ideias que se fixaram de tal maneira na alma ancestral dos povos, que os governos as aplicam sempre, mau grado as suas consequencias. E' por isso que os ingleses e os holandeses consideram como um absurdo psicologico a aplicação aos indigenas das colonias instituições e dos codigos da mãe-patria, ao passo que todos os governos latinos se julgam obrigados, pelo contrario, apesar das mais funestas consequencias, a imporem aos seus dominios as instituições e as leis da metropole.

* * *

A moralidade internacional, apesar de muito fraca ainda, é comtudo superior ao que era alguns seculos atraz, quando as relações entre os povos eram exactamente as do coelho com o caçador.

Tomar Gibraltar ou procurar incendiar Dunquerque em tempo de paz, como o fizeram outr'ora os ingleses, são operações que nenhuma grande potencia ousaria tentar hoje.

O verdadeiro factor desta lenta evolução da moral deve-se ao nascimento duma opinião mundial destinada, porventura, a governar o mundo.

* * *

As intuições uteis não se manifestam senão depois duma previa educação do inconsciente.

* * *

A marcha actual do mundo só pode ser explicada por duas concepções filosoficas, aliás contrarias,—a finalidade e a necessidade.

Os grupos sociais são formados mais conforme os seus preconceitos do que segundo os seus interesses.

* * *

Vale mais submeter-se á dictadura anonima da lei do que á dum chefe. Os povos que não querem aceitar a primeira são condenados a sofrer a segunda.

Tradução de

José Parreira.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Sabugosa e de Murça, D. Maria da Graça Reynolds Anjos (Fontalva), D. Alice de Matos Ferreira de Castro de Carvalho (Santa Marta), D. Maria Julia de Mascarenhas de Mendonça e Silva, D. Maria Amelia da França Semmer Ribeiro, D. Maria Rita Correia de Sá (Asseca) e D. Maria Constança Torres de Noronha e Cruz Salvador.

E os srs.:

Barão de Santa Comba-Dão, José Eduardo Garcia Lampreia Adolfo Teles da Fonseca Lopes de Castro e Sola, João José Roque de Pinho (Alto Merim) e o nosso colega na imprensa Pedro Correia Marques, chefe da redacção da «Epoca»

E depois de amanhã as senhoras:

Condessa de Nova Goa, D. Maria Isabel Temudo de Castro, D. Emilia de Melo Osorio (Proença-a-Velha), D. Maria Carlota de Semmer Pereira e D. Leonor Maria Archer de Carvalho.

E os srs.:

Conde de Valenças, Dr. Eduardo da Mota Coelho, Artur de Meneses Correia de Sá (Merceana), Luiz Vianna Ferreira Roquete.

A Caridade

«Florinhas da Rua»

E' cada vez maior o interesse que está despertando a grandiosa festa hipica que na tarde de domingo 5 de maio proximo se realisa no vasto campo de obstaculos da Sociedade Hipica Portuguesa, em Sete Rios, a favor das «Florinhas da Rua» levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, e na qual será disputada pelos melhores cavaleiros a artistica taça «Florinhas da Rua.»

Casamentos

Sendo celebrante Sua Excelencia Reverendissima o sr. Bispo de Meliapor, realisou-se na capela da residencia da sr.ª D. Maria de Azereda Teixeira de Aguilar de Vilhena e do sr. D. Tomaz de Almeida Manoel de Vilhena, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Correia de Sampaio (Castelo Novo), gentil filha da sr.ª Viscondessa de Castelo Novo e do falecido Visconde do mesmo titulo, com seu filho D. Francisco, tendo servido de madrinhas as sr.as Marqueza de Olhão e D. Marianna Correia de Sampaio de Seabra e de padrinhos o pai e o tio do noivo sr. D. Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar. Sua Santidade dignou se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimonia religiosa que revestiu grande imponencia foi servido na magnifica sala de jantar um finissimo «lunch», partindo depois os noivos para Cintra, de onde seguiram para uma viagem pelo norte do país.

Pontos de reunião

No Tivoli

Assistencia elegante ás sessões da moda de ontem: Condessa de Farrobo, D. Maria Constança de Roma Machado de Paiva Raposo e filha, D. Camila de Paiva Raposo e filhas, D. Margarida da Mota Canavarro, D. Flora Bastos do Amaral e filhas, D. Maria Margarida Canavarro Fernandes Costa, D. Margarida Cambon Brandão, D. Lice Abecassis Seruya, D. Beatriz Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Virginia Caroça de Figueirêdo, D. Alice Barjona da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Julia de Araujo, D. Maria da Guia Ferreira Patricio e filha, mesdemoiselles Costa e Silva, etc.

Doentes

Tem experimentado sensiveis melhoras na Casa de Saude das Amoreiras onde se encontra, depois de uma melindrosa operação que ali sofreu, o sr. dr. Elmano da Cunha e Costa, filho do sr. dr. Cunha e Costa.

—Por noticias recebidas de Coimbra sabemos que se encontra melhor, da operação a que foi sujeito o sr. João Gomes, gerente da Casa Tota daquela cidade.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 20,30—Concertos da Orquestra Sinfonica de Madrid.
Nacional—A's 21—«O Abade Constantino».
Trindade—A's 21—«As Tangerinas Magicas».
S. Luis—A's 21—«A Leiteira de Entre Arroios».
Avenida—Não ha espectaculo.
Politeama—Não ha espectaculo.
Apolo—A's 21—«Tiroliro».
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Eden—A's 20,45—Variedades.
Salão Foz—A's 20,45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin Montanha—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça dos Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco da Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Gamoclide—Quartas, quintas, sabados e domingos

EPISTOLARIO

Sebastião José de Carvalho e Mello

escreve ao Conde de Soure

sobre o falecimento e enterro

DA RAINHA D. MARIA ANA DE AUSTRIA

> Para o Conde de Soure.
> Provedor da Caza das Obras.
>
> Ill.^mo E Ex.^o Sr.
>
> Sua Magestade he servido, que V. Ex.^a mande fazer os Caixoens de chumbo, e madeira em que ha hir a enterrar o Corpo da Serenissima Senhora Raynha May: Conformando-se V. Ex.^a, quanto ao Forro do dito Caixão por fora, e por dentro, com a Pragmatica ultimamente promulgada, e isto mesmo observar a V. Ex.^a quanto ás Essas, que tambem deve mandar fazer assim neste Paço, como na Igreja dos Padres Carmelitas descalços Allemães, em que se ha de depozitar o Corpo; e o Thezoureiro da Caza tem ordem do Mordomo Mór para entregar o necessario para a guarnição de hua, e outra coiza.
>
> Deos Gde. a V. Ex.^a Paço de Belem a 14 de Agosto de 1754.
>
> *Sebastião Joseph de Car.^o e Mello*

No dia 14 de agosto de 1754, uma quarta-feira, ás quatro horas e três quartos da tarde, faleceu no palacio da Quinta de Baixo de Belem, com 70 anos, 11 meses e 7 dias, após uma gravissima doença, a Rainha D. Maria Ana de Austria, viuva do Rei D. João V.

A sua morte foi muito sentida, era adorada, respeitada e venerada por todo o povo. Amou seu leviano esposo, sofreu com resignação todas as suas loucuras amorosas, foi o modelo de todas as virtudes, uma Mãe educadora e exemplar.

Morreu a Rainha Santa, diziam todos...

O seu corpo não foi embalsamado; assim o deixou determinado no seu testamento, pedindo que o seu coração fosse depositado no tumulo de seus augustos paes, Leopoldo o Grande e Leonor Madalena Tereza. Foi a dama camarista, Condessa de Daun, que vestiu o regio cadaver com um vestido de seda côr de cinza; nas mãos apertava um Cristo e um rosario, e a cabeça foi coberta com uma das toucas que a Rainha usava sempre, de seda e rendas pretas.

Depois da sua morte, o seu confessor, o padre José Ritter, entregou o testamento ao Rei D. José, o qual foi aberto e lido publicamente pelo secretario de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo.

Como se vê pela carta transcrita, as urnas e eças foram mandadas fazer pelo Conde de Soure, Provedor da Casa das Obras, ao Arquitecto dos paços reais, João Pedro Ludovici. Como era uso, o corpo foi encerrado primeiramente num caixão de chumbo, depois metido num caixão de madeira, onde era gravada pelo chronista-mór do reino uma epigrafe em latim e, finalmente, encerrado ainda em outro de madeira, o qual era forrado de veludo preto, como a pragmatica ultimamente promulgada, diz a carta.

Esta pragmatica, datada de 1749, proibia o luxo e excesso de trages, carruagens, moveis, escravos, lutos, etc., etc., e muitos outros abusos, que só no fim do reinado do prodigo Rei D. João V, depois de ter esbanjado todo o ouro do Brasil, milhões de cruzados em obras grandiosas, sem proveito para a nação, deixando o país num estado de verdadeira ruina, os cofres vazios e encargos fabulosos, que se lembrou, provavelmente, por já se não poder mexer, que o luxo em que vivia e os seus vassalos não era para um país como o nosso, que as minas do Brasil carregavam de ouro, e tão misero estava.

O caixão, segundo a pragmatica de 1749, só podia ser forrado de pano preto interiormente e exteriormente de veludo tambem preto, com uma cruz de prata e ouro, e pregaria amarela. Assim foi o caixão da que foi Arqui-Duquesa de Austria e Rainha de Portugal...

No dia 16 foi o funeral. A's nove horas da noite principiou-se a formar o cortejo: á frente iam seis Porteiros da Cana, depois os Corregedores do Crime da Côrte; os Titulos e Criados da Casa em alas; 60 Clerigos da Bazilica Patriarcal da Santa Igreja de Lisboa; o Coche com o corpo entre Moços da Camara com tochas e os Moços da Estribeira sem tochas; adiante do coche o Veador que servia de Mordomo-Mór, atrás o que servia de Estribeiro-Mór; depois o coche de respeito; os Capitães da Guarda Real, Condes de Rezende e de Vilar Maior; as 3 Companhias da Guarda Real dos Archeiros; os Presidentes dos Tribunais, Conselheiros, Fidalgos, Ministros, etc.; todos iam a cávalo entre alas de religiosos que se estendiam desde o Palacio até á Igreja de S. João Nepomuceno, todos com tochas acezas.

De Belem seguiu o cortejo pela Junqueira até á Ponte de Alcantara, Pampulha, Esperança, Boa Vista, Casa da Moeda; aí voltou para a Calçada do Monte de Santa Catarina e deu entrada na Igreja do Hospicio dos Carmelitas Descalços Alemães de S. João Nepomuceno.

Esta Ordem foi introduzida em Portugal no ano de 1708, quando a Rainha casou com D. João V.

E' curioso notar-se, que nos Panoramas de Lisboa em 1640 e de 1650, indicam, respectivamente, com o n.º 15, na legenda em português: Convento de S. João Nepomuceno e na legenda em inglês «German Convent» «Called S. John of Nepomuceno». Numa vista Panoramica do Seculo XVI, Lissabon Die Konigliche Haupt Und Residenz Statt In Portugal, cuja tradução é, Lisboa Capital e Residencia do Rei de Portugal, lá vemi ndicado, sob o n.º 113, o Convento Der Carmeliter. A Vista de Lisboa de J. Braunio, do Seculo XVI, indica um Convenro dos Carmelitas, mas não sei se será o de S. João Nepomuceno. Finalmente a Planta da Cidade de Lisboa e de Belem, publicada em Lisboa em 1853 indica o local do Convento, n.º 640, Igreja de S. João Nepomuceno. No ano de 1855 ainda existia; no ano de 1858, depois dos calamitosos anos de 1856 e 1857, que as epidemias do colera morbus e da febre amarela dizimaram a população de Lisboa, um grupo de paroquianos de Santa Catarina fundou o Asilo dos Orfãos Desvalidos da Freguesia de Santa Catarina.

Por decreto de 8 de Maio de 1832 forão extintas todas as ordens religiosas. Nessa data já, estava extinta a Ordem dos Carmelitas Descalços pela falta de religiosos e estava então o convento ocupado pelos Padres Redentoristas Franceses, os quais foram extintos. Em 1833 foi ocupado pela Ordem dos Minimos de S. Francisco de Paula e depois extintos pelo mencionado decreto. Em 1834 é o convento acupado pelo 12.º Batalhão da Guarda Nacional, que depois foi transferido para o Forte de S. Paulo. No mesmo ano estabeleceu-se no convento o Liceu Nacional de Lisboa, onde funcionou até 1858, passando para o Largo do Poço Novo e depois para a Rua de S. José. No mesmo ano de 1858, é o convento cedido á Sociedade Farmaceutica Portuguesa. Antes, a 11 de Fevereiro de 1838, é transferida a Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade para o mencionado convento. Depois de tanta transformação, que levou o Convento de S. João Nepomuceno, no ano de 1879, encontra-se em perfeito estado de ruina, tencionando o estado vender o edificio. No ano de 1881, entra finalmente o Asilo de posse das ruinas, e depois de grandes obras é instalado definitivamente, onde ainda hoje se conserva.

Que voltas não levou o Hospicio dos Carmelitas Descalços Alemães, que a Rainha D. Maria Ana da Austria com tanta devoção fundára.

Quando em 1708 se fundou a Ordem dos Carmelitas Descalços Alemães, os padres foram para umas casas juntas á Ermida de S. Pedro Gonçalves, no Largo do Corpo Santo; depois passaram para a Ermida da Ascenção de Cristo, que ficava na Calçada do Combro; em 1723 fundou-se o Hospicio de S. João Nepomuceno e a 19 de Março do mesmo ano foi sagrada a Igreja. Depois a Rainha mandou fazer á sua custa uma nova igreja, pelo arquitecto Ludovici, benta a 6 de Maio de 1741. Tinha esta igreja um sumptuoso mausoleo, obra do celebre estatuario Joaquim Machado de Castro, cujos restos são conservados no Museu do Carmo.

Não foi só o Hospicio de S. João Nepomuceno que sofreu tanta volta, tambem o cadaver da Rainha D. Maria Ana de Austria, vejamos: a 16 de Agosto de 1754 é depositada na igreja; o 23 de Novembro de 1765 é mudada para o Altar de Santa Ana; a 23 de Julho de 1780 é aberto o caixão para reconhecimento do cadaver, o qual se encontrou incorruto. Novamente amortalhada é metida em novo caixão e encerrada no mauzoleo.

A 27 de Dezembro de 1855 é retirada a urna do mauzoleo e trasladada para o novo Panteon em S. Vicente de Fóra. A 31 do mesmo mês e ano, é novamente aberta a urna, estando já reduzida a esqueleto. Novamente encerrada, é colocada ao lado de seu esposo, o Rei D. João V, e aí continua dormindo o sono eterno, sono reparador de tanta dôr, de tanta lagrima, tanta angustia sofrida, por culpa dum rei e esposo, que só foi magnanimo, fóra de casa...

Antonio Calaeira Pires

A Cidade

Chá das cinco

Maus caminhos...

Não julgue a Censura que, para nos furtarmos ás suas vistas largas, vamos aproveitar esta secção, de natureza sobretudo literaria, para uma critica severa aos governantes e aos governados. Não julguem as pessoas romanticas que vamos fazer aqui, pela milionessima vez, a historia dessas pobres raparigas que se desviam dos caminhos direitos da honra e do pudor, para se lançarem nos atalhos da perdição...

Queremos referir-nos ás estradas. Que inóssuo mote, não é verdade? Mas que querem? Se com esta atmosfera anda tudo inóssuo...

Barafustar contra as estradas? Protestar? Para quê? E' tempo perdido. Os governos e o Parlamento têm coisas muito mais interessantes que discutir... E depois, bem lhes importa a eles o mau estado das estradas... Se não vivem do turismo, do comercio, da industria... Se, quando querem viajar, vão sempre pela via ferrea, em comodos e rapidos expressos...

Se eles tivessem que atravessar a pé, do trem, ou mesmo de automovel as estradas portuguesas, outro seria o seu procedimento.

Se eles ficassem, como ainda ante-ontem nos aconteceu, com um automovel atolado, durante quatro horas, no meio duma estrada importante, certamente se apressariam a juntar ao nosso o seu protesto...

Mas assim...

Querem um conselho, os que andam a fazer a campanha a favor dos caminhos de Portugal? Organisem constantemente excursões de automovel atravez do país e convidem para elas os governantes e os pais da Patria... E verão como eles se mexem...

Felix Correia

Em S. Carlos

OPERA, BAILADOS

e concertos sinfonicos

Amanhã, ás 3 horas da tarde, o maestro Ruy Coelho realiza em S. Carlos um espectaculo que, mercê do seu belo programa, Opera, Bailado e Concerto Sinfonico, deverá constituir um acontecimento no nosso meio artistico.

A proposito deste espectaculo, Ruy Coelho, com a franqueza que ha muito lhe conhecemos, confessou-nos:

—A razão deste concerto é simples.

Passam-se anos e anos em que nos nossos palcos nada se vê de português, neste campo de arte.

Uma pequena peça sinfonica, de mez a mez, é pouco.

Como artista português acho isso deprimente, tanto mais que não vejo que isso aconteça nos outros paises, em que o culto da arte patria é um dever e uma religião.

Então faz sentido que todas as semanas venha a Lisboa um «negocio» teatral estrangeiro, e que os nossos artistas liricos, as nossas orquestras sinfonicas, os palcos de opera, tudo isso não exista nunca para nós proprios, parecendo tudo ter sido feito e construido só para os estrangeiros?...

—Não pode ser...

—E' preciso, pelo menos, uma vez por outra, fazer qualquer coisa de caracter nacional.

—E tem encontrado dificuldades?...

—Algumas... Mas, á força de vontade, tenho-as vencido.

E' claro que estou confiado no publico, que não deixará de compreender a significação moral, patriotica e artistica da minha iniciativa, que poderá ter belas consequencias para todos os nossos artistas liricos.

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

O chefe do Estado SÓ DEPOIS de muito instado desistiu da renuncia

O sr. general Correia Barreto, ilustre presidente do Congresso da Republica, falou hoje com um redactor do *Diario de Lisboa*, sobre a entrevista entre a delegação dos parlamentares e o Chefe do Estado.

—Foi V. Ex.ª quem falou...

—Como presidente do Congresso. Expuz a Sua Excelencia a atitude do Parlamento, que, por uma grande maioria, se pronunciou contra o pedido de renuncia.

—Sua Excelencia?

—O sr. Presidente da Republica, só depois de muito instado, acedeu a continuar no seu alto posto de primeiro magistrado da Nação.

—A entrevista foi demorada...

—Foi, relativamente.

—As rasões que levaram o sr. Presidente da Republica ao pedido de renuncia?

—Não as disse Sua Excelencia. Seguramente, um caso de consciencia.

—Quais as rasões de que os srs. parlamentares se serviram para levar o Chefe do Estado a desistir da renuncia?

—A manifestação da Camara. Os nacionalistas estiveram em parte com a maioria parlamentar. Muitos sairam da sala, para não votar. Um votou mesmo a favor do ponto de vista da maioria. Independentemente disto, para Sua Excelencia só se pronunciaram palavras de alta homenagem.

—Alem disso...

—A situação criada ao país e á Republica pela renuncia, desde que ela fosse aceite, era muito contingente. Havia o perigo de uma «conflagração». O Chefe do Estado, grande alma patriotica e republicana, sacrificou o seu ponto de vista e respeitou, numa nobre atitude nacional, a manifestação do Congresso da Republica.

O sr. Correia Barreto vai presidir — são 3 e meia — á sessão do Senado, onde continua a discussão sobre fosforos.

Preguntamos:

—O Congresso reune hoje?

—A's 4 horas, para tomar conhecimento da nobre resposta do eminente Chefe do Estado.

A nossa reportagem

Algumas pessoas fizeram correr que os redactores do nosso jornal que estiveram, por dever de oficio, na Cruz das Oliveiras, junto do comando da divisão, horas antes de se abrir o fogo, seguiram dali para o quartel general dos revoltosos.

Absolutamente falso.

Os redactores em questão, propositadamente, não voltaram mais á Penitenciaria, não tendo sequer, no nosso jornal — que era o de sabado — escrito uma linha acêrca do que viram ou ouviram.

Interrogados tambem particularmente na Cruz das Oliveiras sobre o que se passava na Rotunda, declararam «não saber», o que era certo, porque cada um de nós tinha o seu serviço especial demarcado prèviamente.

"O Seculo„

Do ilustre escritor e director do nosso prezado colega «O Seculo» sr. dr. Trindade Coelho, recebemos a seguinte carta:

Sr. director: — Rogo a v. a publicação do seguinte oficio, que acabo de enviar ao sr. general comandante da 1.ª Divisão Militar:

Sr. general comandante da 1.ª Divisão Militar. — Confirmando para os devidos efeitos legais o que ontem, pelo telefone, comuniquei a v. ex.ª, e reservando-me a apreciação oportuna da forma por que foram interpretados os paragrafos 1.º e 2. do n.º 16.º do artigo 28.º da Constituição da Republica, de novo me permito fazer notar a v. ex.ª que «O Seculo» empresa está sob a alçada de uma lei especial, e que ao seu director, como cidadão português, só podem ser aplicaveis as disposições penais em vigor, no caso de ser provada a sua cumplicidade no ultimo movimento militar. Impõe-se, por consequencia, uma destrinça juridica e moral:

a das «responsabilidades jornalisticas», que são umas (de resto já apreciadas pela censura) e a das «responsabilidades pessoais», que são outras, e que apenas os tribunais devem julgar.

Compete a v. ex.ª não continuar a confundi-las.

E só não continuará V. Ex.ª a confundi-las, revogando a suspensão que pesa sobre o jornal e ordenando que o seu director seja preso, no caso de existir qualquer acusação concreta.

Poderá V. Ex.ª observar que está reunido o Poder Legislativo.

Remeto-me ao ponto de origem de violação, da confusão e da sobreposição de poderes. E' dentro delas que tenho que dirigir-me a V. Ex.ª, que ontem declarou ao director do «Seculo» que ele receberia hoje uma comunicação formal sobre o regime — absolutamente inédito mesmo em tempo de guerra — que para o seu jornal V. Ex.ª decretou.

Por honra da Republica, ainda esperei, cinco dias esta comunicação — Saude e Fraternidade — Lisboa 24 de abril de 1925. — Ao Ex.mo Sr. general comandante da 1.ª Divisão Militar — O director do «Seculo».

Resta-me acrescentar, sr. director que a excepção aberta para o *Seculo* é tanto mais odiosa quanto é certo ser o unico jornal que, neste momento, se encontra atingido por uma pena de excomunhão, impossivel em qualquer país do mundo cujos poderes publicos fossem responsaveis — mesmo em regime de suspensão de garantias — por abusos de autoridade. — De V.ª camarada Atento e Obrigado. — *Trindade Coelho.*

A censura aos jornais

Hoje, na sala dos Passos Perdidos, alguns parlamentares da maioria e da Acção Republicana, com quem falámos — não todos, é preciso esclarecer — tinham a opinião de que a censura deve terminar imediatamente, para evitar que se avolumem — e criem — boatos e fantasias, não sendo, de resto, «republicana» a doutrina da censura depois do triunfo de um governo, seguramente apoiado.

Escusado será dizer que a suspensão de jornais muito menos se justifica, dispondo o governo da situação politica, e tendo os jornais, dentro das suas direcções e redacções, elementos proprios de ponderação.

POLITICA PARTIDARIA

Será dissolvido o partido Nacionalista?

O sr. dr. Pedro Pita, secretario do Directorio do Partido Republicano Nacionalista, produziu ha dias, na Camara dos Deputados, um discurso a grande instrumental — segundo a sua propria expressão. Quizemos ouvi-lo hoje, tanto mais quanto é certo terem-se avolumado ultimamente os boatos sobre a dissolução do partido nacionalista.

O sr. dr. Pedro Pita, que estava pacificamente entregue á leitura dum volumoso processo, disse-nos que a ocasião não era propicia para a expansão de opiniões. Como, porém, insistissemos, o ilustre parlamentar prontificou-se a fechar o processo e a responder ás nossas preguntas — duma forma um tanto ambigua mas elegante...

—Consta que o seu partido vai ser dissolvido...

—Vai ser dissolvido?! E' boa!

—Não é, então, verdade?

—Ora aí tem uma coisa que o governo não póde fazer, nem mesmo com a suspensão de garantias. «Vai ser dissolvido», é boa!

—Não é bem assim. Que vai dissolver-se...

—Ah! agora entendo. Pois dá-me uma grande novidade.

—Não sabia de nada?

—Não. Dá-me uma grande novidade. Não tinha ouvido semelhante coisa.

—Não é, então, verdade?

—Sei lá! Não será este um dos casos em que os interessados são os ultimos a saber?

Uma pequena pausa. Pedro Pita, a quem a leitura do processo amolentára, espera que mudemos de assunto.

—Que pensa do momento politico?

—Resolvi não pensar nada.

—Não pensar nada?!

—Penso só o que digo e só digo o que quero.

—Ainda outra coisa: — o Parlamento manterá presos os parlamentares nacionalistas?

—Ora isso agora é que é mais serio.

—A resposta...

—Tem que ser dada a serio tambem: não creio em semelhante coisa.

E aqui têm os leitores uma entrevista sensacional, se a quizerem ler nas entrelinhas... E' nas entrelinhas, de resto, que está quasi sempre tudo.

A Cidade

A AVIAÇÃO MILITAR

Para a França

partiu hoje

O "Breguet,, n.º 9

Conforme o *Diario de Lisboa* noticiou varias vezes, no Campo de Aviação da Amadora, estava-se preparando um aparelho a fim de seguirem para uma viagem de estudo os bravos herois do *raid* Lisboa-Macau major Sarmento de Beires e alferes Manuel Gouveia.

O avião — o *Breguet 9* já estava pronto a voar ha mais de um mês. Mas o mau tempo, por um lado, e o desastre de Barcarena que enlutou a quinta arma, levaram os bravos aviadores a adiarem a partida.

Ontem de manhã esteve quasi decidida a descolagem. Mas a forte ventania obrigou-os a desistir.

* * *

Hoje, ás 5 da madrugada, quando os primeiros clarões surgiam no horisonte — o *Breguet 9* veiu para a pista, onde Manuel Gouveia esteve novamente examinando o motor.

Pouco depois, começaram a chegar os oficiais da Amadora e alguns de Cintra e de Alverca. Paisanos nenhuns, a não ser o jornalista. Porque se quiz fazer esta partida silenciosamente, como compete a uma viagem de estudo.

Eram 5 e meia quando Sarmento de Beires chegou.

O piloto admiravel da viagem Lisboa-Macau fala pouco, como quasi todos os homens de acção. Não ha tempo para se perder com palavras...

Interrogámo-lo sobre o que pensa realizar:

—Entendi que parte do dinheiro com que o povo auxiliou a nossa ida a Macau devia ser empregado em beneficio da Aviação. De resto, eu só para a Aviação vivo. E, como em Portugal ha pilotos capazes das maiores heroicidades, e o que se torna mais necessario é melhorar tecnicamente a nossa Aviação, conclui que a melhor maneira de servir o meu país e a quinta arma seria procurar conhecer e aplicar entre nós todos os progressos das aviações estrangeiras.

—A viagem é á vossa custa?

—Absolutamente.

—E onde tencionam ir?

—Daqui para Paris, com aterragem em Madrid e Casaux. Em França demorar-nos-hemos mez e meio. Visitaremos tudo quanto possa interessar-nos.

—E depois?

—A' Italia, á Inglaterra, á Holanda, a todos os países onde a Aviação está desenvolvida. Iremos ás fabricas, aos campos, ás escolas...

—E quando tencionam voltar?

—Quando acabarmos...

E, a sorrir, saltou para a carlinga.

Alguns apertos de mão, desejos de boa viagem, o ronco do motor — e o *Breguet 9* deslisou suavemente, elevou-se e desapareceu no horisonte.

Eram 5,40 — e o sol, este sol claro de abril já inundava todo o campo...

«FOOT-BALL»

Sporting contra Bemfica

Amanhã devem encontrar-se em Palhavã ás 16 horas, o Bemfica e o Sporting — no ultimo jogo do campeonato de «foot-ball» da primeira divisão.

E dizemos que devem encontrar-se, porque até ás 17 horas de hoje, não recebemos da Associação de Foot-ball de Lisboa o habitual comunicado sobre os desafios a realisar...

RECOMPOSIÇÃO MINISTERIAL

A posse do ministro DA GUERRA teve um caracter puramente militar

A posse do novo ministro da Guerra, que estava marcada para ontem ás 11 horas da noite, em virtude da ausencia do elemento militar, ficou transferida para hoje, ás 2 da tarde.

Um pouco mais cedo chegou o sr. Mimoso Guerra, de *frack*. Um pouco mais tarde chegou o sr. presidente do ministerio, tambem de *frack*.

A ante-camara do gabinete do ministro da Guerra encheu-se rapidamente.

Todo o pessoal das secretarias compareceu.

Contámos dez coroneis: Triaga, Oom, Silva Cruz, Vitoriano Serra, Gregorio Mendonça, Carvalho Roxo, Vilas, Abreu, Freiria e Arcanjo Teixeira. Dois generais: um que ficou, o sr. Adriano de Sá, e outro que saíu, em virtude dos seus afazeres — o sr. Gomes da Costa.

Este, a mais de dois metros de altura, quando cruzou com o jornalista, disse-lhe:

—Agora, quando me perguntam se estou metido em alguma revolução, respondo: Já viram andar em minha perseguição aquele jornalista pequenino do *Diario de Lisboa?* Não! Então não ha mouro na costa.

E com uma gargalhada franca — desapareceu. Apareceu o sr. Ferreira de Simas, do Comercio, o cidadão sr. «Marques das barbas»; os paisanos eram todos jornalistas. Mais, o tenente-coronel Oliveira Simões, louro, distinto e frio; o sr. Rodrigues Sá, de igual patente; o general Lemos, o general Mendonça e Matos, directores de repartição do ministerio da Guerra, o coronel Ascenção Teixeira, da G. N. R., e major Maia Magalhães.

Não cronometrizamos a hora. Mas ás 3, menos qualquer coisa — tempo — abriu-se a portinha que liga o gabinete do ministro á antecamara. O sr. ministro da Marinha, fardado. O sr. Victorino Guimarães; o sr. Mimoso Guerra.

Os primeiros colocaram-se á esquerda da porta. O ultimo á direita. No meio, e um pouco retirado, o sr. Adriano de Sá. A meio dos discursos entrou o sr. Ferreira do Amaral, que ficou á porta. Os srs. Antonio Maria da Silva, Alvaro de Castro e general Vieira da Rocha — não poderam assistir á posse.

O primeiro a falar foi o ministro interino da Guerra. A seguir, o presidente do Ministerio, que disse:

—Depois das palavras do sr. ministro interino da Guerra — não é o sr. Vieira da Rocha — quasi se torna desnecessario falar em nome do governo...

Mais lentamente, espaçando as palavras:

—... para agradecer a grande honra que v. ex.ª nos dá — virou o rosto para o sr. Mimoso Guerra — em vir colaborar para o nosso lado, nesta hora dificil que atravessamos.

Uma pausa de dois minutos.

—Mas aqui, perante uma assembleia principalmente de militares, é me grato falar nas qualidades de caracter e de lealdade que exornam v. ex.ª.

Entrando na parte interessante do discurso:

—Quando lhe falei, v. ex.ª pôs-me as suas condições particulares, que o inibiam quasi de aceitar a pasta da Guerra, prejudicando-o muito. Disse-me v. ex.ª que, se fôsse um periodo normal, de forma nenhuma aceitaria este encargo. Quando já julgava que o sr. ministro da Guerra não acedia ás minhas solicitudes, disse-me: eu sou militar. A hora é perigosa, por isso tenho de aceitar o posto que v. ex.ª me entrega.

Após esta declaração, outra:

—Tambem em nome do governo quero declarar que se é grande a nossa satisfação em ter como colaborador o sr. Mimoso Guerra, não é menos o pezar que sentimos com a saída do sr. Vieira da Rocha. Afirmo aqui mais uma vez. A sua saída deve-se apenas a uma divergencia mais de caracter politico, que militar. Essa saída não significa menos estima, consideração e admiração por s. ex.ª Foi, tem sido e será um brioso militar, um dedicado republicano e um prestigioso cidadão.

Na solenidade fria e militar estalou um viva á Republica, soltado por um capitão colonial, que relembrou as campanhas de Africa, do sr. Mimoso Guerra.

O novo ministro, apoiando a mão sobre o espaldar de uma cadeira, começou:

—Sr. Presidente do ministerio, senhores ministros, meus senhores: V. Ex.ªs disseram de mim coisas tão extraordinarias que duvido se sou eu que estou aqui. Tenho uma viva fé em que muito se póde fazer pela pasta da Guerra. Até com os recursos materiais que dispomos aqui, muito se póde fazer.

E' certo que se tivessemos dinheiro, grandes empreendimentos podiamos tentar. Evidentemente que para tal não bastam os desejos do ministro da Guerra. Precisa de ser auxiliado pelos seus colaboradores. Os meus propositos são unicamente os seguintes: fortalecer a disciplina, prestigiar o exercito, melhorar os seus serviços. Nestas palavras se resume a acção que vou seguir. E se a situação actual é dificil, senão melindrosa, mais uma razão para contar com a boa vontade de todos. Exigir-lhes mesmo que o façam.

* * *

Uma declaração curiosa:

—Quanto tempo venho ocupar o lugar? Não sei! Mas faço de contas que estou aqui eternamente. Durante muitos anos. Eu sou um Mathusalem. Digo isto em voz alta. Não vou alargar-me em programas, porque devo dizer que, com a idade que tenho, já estou farto de ouvir falar deles.

O sr. Mimoso Guerra referiu-se ainda ao exercito colonial. Seguiram-se os cumprimentos e as assinaturas da posse. A cerimonia teve um caracter estritamente militar, não tendo havido, no decorrer dos discursos, qualquer alusão politica ao ultimo movimento.

Pelos teatros

«Bayadera»

A festa do actor comico Vasco Sant'Ana, no S. Luiz, efectua-se na proxima terça feira, com a primeira representação da opereta «Bayadera», que Lea Candini

Vasco Sant'Ana

representou no Trindade recentemente, mas que a companhia Armando de Vasconcelos vai interpretar com maior luzimento de guarda-roupa e scenarios. Esta peça dá apenas dois espectaculos no S. Luiz, passando a representar-se, desde o dia 30 até 4 de Maio no Avenida, para voltar de novo áquele teatro.

«Os naufragos»

Fernando de Castro, poetisa forte de temperamento e de emoção, cujo ultimo livro de versos «Cidade em Flor», acaba de ter uma consagração do publico e da critica — estreia-se, na segunda feira, no Nacional, como autor teatral.

Trata-se duma estreia sensacional. «Naufragos», em que Fernando de Castro desenhou fortemente os costumes e as figuras do Algarve — é uma peça admiravel de concepção e de interesse dramatico, que decerto triunfará. O tema é completamente novo, vivendo no coração da plateia, seja ela qual for, desde a primeira á ultima scena, porque a intensidade emotiva não decresce dialogo, antes se acumula, em vibrações dolorosas da mais acentuada beleza.

A recita de arte

Por motivo dos ultimos acontecimentos, teve de ficar adiada para daqui a alguns dias o espectaculo com La Goya, Lucilia Simões e Amelia Rey Colaço. O interesse por este espectaculo sensacional mantem-se. A artista espanhola chegou a 19 e partiu no dia seguinte, esperando apenas a combinação com os emprezarios espanhois para se fixar a data.

Atrás do reposteiro

A Companhia de Bailados Russos, que está trabalhando no Eden-Teatro, tendo um contracto firmado para Bilbau, termina no dia 30 os seus espectaculos em Lisboa, fazendo uma sessão monstro, isto é, realizando, sosinha, com todos os seus artistas e as suas primorosas bailarinas, o programa do espectaculo.

—Maurice Chevalier e Yvonne Vallée realizam hoje o primeiro espectaculo em Bordeus. O «maire» daquela cidade autorizou o aumento nos preços dos lugares do teatro, de 500 0|0 sobre os preços normais com a condição de reverter a favor dos mutilados da guerra uma quinta parte da receita bruta. Calcula-se que a receita se aproxime de duzentos mil francos. Chevalier e Vallée recebem 12.000 francos pela execução de doze numeros do seu reportorio.

—A actriz Beatriz Baptista realiza a sua festa artistica no S. Luiz, na noite de 7 de Maio.

—No dia 1 de Maio estreiam-se no Eden-Teatro duas «troups» de «Music-Hall», entre elas a companhia belga «Chatan», constituida por 25 artistas dos mais diversos generos de variedades.

—No S. Luiz representa-se hoje e amanhã, em despedida, a opereta portuguesa «A Leiteira de Entre Arroios».

—Está despertando grande entusiasmo a «matinée» que se realiza, no domingo 3 de maio, no teatro de S. Luiz, em homenagem ao popular poeta Avelino de Sousa.

—Realiza-se depois de ámanhã, no Sá da Bandeira, do Porto, a festa artistica da novel actriz Maria Helena, com a comedia «Era uma vez uma menina...», com que se estreia, no Avenida, no dia 5 de maio.

Pinto Leão & Companhia, Lda.

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 2 de Abril de 1925, lavrada a folhas 49 do livro n.° 15 B do notario desta comarca Dr. Mario Rodrigues, o socio Valentim de Sousa Pinto, dividiu a sua quota de 100.000$00, em duas, uma de 99.000$00 de que fez cessão a Manuel Arenas de Lima Lauer e outra de 1.000$00 de que fez cessão a Antonio Duarte Silva, ficando portanto sendo unicos socios desta sociedade os ditos Manuel Arenas de Lima Lauer e Antonio Duarte Silva, que nessa qualidade alteraram parcialmente o pacto social pela forma seguinte:

Os artigos 7.°, 10.° e 11.° do pacto social ficam substituidos pelos seguintes:

SETIMO

Nenhum dos socios poderá ceder a sua quota, no todo ou em parte, sem o expresso consentimento do outro socio.

PARAGRAFO PRIMEIRO

Não obstante o disposto neste artigo, fica desde já conferido ao socio Manuel Arenas de Lima Lauer, o direito não só de ceder parte da sua quota a quem entender, mas tambem de adquirir, sempre que o queira, a quota do socio Antonio Duarte Silva, pagando-a pelo valor resultante do ultimo balanço aprovado, acrescido da parte correspondente do fundo de reserva.

PARAGRAFO SEGUNDO

O preço da acquisição será pago de pronto ou em duas prestações iguais, acrescidas do juro de desconto do Banco de Portugal.

DECIMO

A sociedade dissolve-se pela morte, interdição ou vontade de qualquer dos socios e nos mais casos legais.

DECIMO PRIMEIRO

Dissolvendo-se a sociedade em vida dos socios, estes procederão á partilha dos bens sociais, como entre si combinarem.

Na falta de acordo, o activo e passivo serão adjudicados ao socio que melhores e maiores vantagens oferecer.

Dissolvida a sociedade por falecimento ou interdição de qualquer dos socios, todo o activo e passivo, ficará pertencendo ao socio sobrevivo ou capaz, que liquidará com os herdeiros do socio falecido ou interdito, nos termos do paragrafo segundo, do artigo setimo.

PARAGRAFO UNICO

Os socios renunciam expressamente ao direito de, por qualquer motivo, requerer aposição de selos ou arrolamento dos haveres sociais, sob pena de perderem todos os direitos de socio, caso requeiram qualquer dessas deligencias.

Que em tudo o mais, fica em pleno vigor o exarado no pacto social de vinte e nove de Janeiro de mil novecentos vinte e três, com as alterações constantes da escritura de vinte de Fevereiro do corrente ano.

Lisboa, 10 de Abril de 1925.

O ajudante do notario Mario Rodrigues

Luiz de Sousa Guberto

ESTRANGEIRO

DE MOSCOU

PERTO de mil creanças morrem de fome na Russia segundo diz a imprensa

MOSCOU, 25

O jornal «Comunista», que se publica em Kharkov, anuncia que em Abril e Maio o numero de famintos deve crescer e que, entre 730.000 crianças esfomeadas, somente 91.000 recebem socorros.

Este jornal acrescenta que, segundo o «comité» executivo do governo de Tsaritsyno, 24.296 crianças e 9.075 adultos morreram em 15 de Março, em virtude das privações sofridas, e que, segundo o «Bureau de Estatisticas», 120.000 crianças, entre as quais só 6 500 são socorridas, sofrem os horrores da fome no governo de Odessa.

Além disso, é proibido aos jornais publicarem estatisticas sobre a fome ou sobre o numero de esfomeados: somente pode falar-se da insuficiencia das colheitas. — (H)

A guerra romaico-russo?

Os governos de Odessa, Chersson e Podolie regorgitam de tropas «sovieticas».

Sob o pretexto de reprimir as revoltas dos camponeses do sul da Ukraine, a linha militar de Dnioster foi bastante fortificada.

O exercito territorial dos governos de Odessa e de Kiew foi mobilizado.

Os jornais militares «sovieticos» ocupam-se do problema de uma guerra romaico-russa. — (H.)

O «deficit» na exploração dos monopolios

No proximo congresso pan-russo do Partido comunista o sr. Dzerjinski apresentará um relatorio sobre a situação da industria metalurgica e as medidas propostas para suprimir o «deficit» na exploração dos monopolios, bem como as despesas acessorias que sobrecarregam o preço dos produtos fabricados. —(H.)

A POLITICA FRANCEZA

Episodios á volta da formação do governo Painlvé

Como íamos dizendo ontem, o sr. de Moro-Giafferi foi o primeiro dos ministros a voltar ao hemiciclo do Senado, depois da votação que tinha condenado o ministerio Herriot.

Fe-lo com a sua desenvoltura habitual e, para mostrar como se pode morrer com graça, o eminente advogado, depois de passear pela sala o seu olhar sorridente, deteve-se na bancada vasia dos ministros com uma profunda reverencia e um largo gesto, murmurando:

—*Morituri te saiutant!*...

O dito foi conhecido na sala, chegou até ás tribunas. Uma dama muito loira e muito esbelta, comovida pelo incidente, não poude evitar este grito:

—E' muito gentil!

E o sr. de Moro Giafferi, que a tinha ouvido, esboçou o gesto de enviar um beijo a essa bela e loira desconhecida.

O sr. Briand, que foi sempre muito espiritual e muito scintilante, possue ainda a admiravel qualidade de estimar os jornalistas.

Estes eram sempre recebidos por ele jovialmente nos dias de crise. Ora um dia o sr. Briand entrava na Camara dos Deputados para ver o sr. Painlevé, quando os jornalistas o assaltaram:

—Então vai reunir o seu partido?

—Não, meu caro. Vou penetrar noutras regiões muito mais olimpicas...

Como se sabe, o sr. Briand trabalhou durante três ou quatro dias, freneticamente, para constituir governo. O seu exito dependia do concurso dos socialistas. Sabia-se já, oficiosamente, que estes lh'o recusariam e havia ainda quem aconselhasse o antigo presidente a esperar uma mudança de atitude do partido.

—Não, meu amigo—respondeu Briand sorrindo—Eu acho que quando varios devem ser enforcados na mesma corda, ha sempre vantagem em se não ficar no fim dela...

Depois do malogro dos seus esforços, enquanto Painlevé mandava chamar a Mamers o sr. Caillaux, o sr. Briand foi ainda interrogado sobre o resultado favoravel da crise. E a sua resposta de então divertiu muito os jornalistas:

—Temos todo o espaço celeste e toda a eternidade para todas as hipoteses...

Parece que a primeira aproximação entre o sr. Briand e o sr. Caillaux não foi das mais amenas. Ao entrar numa sala do Palacio Bourbon, onde o segundo se encontrava, o sr. Briand fingiu não o ver.

—Então você não me reconhece, Briand? — preguntou o sr. Caillaux.

—Desculpe-me, meu caro — respondeu o sr. Briand, Você parece tão novo que eu julguei que fôsse o secretario de algum ministro.

Começava o sr. Painlevé a organizar o seu governo e alguem preguntou ao sr. Briand se ele consentiria em fazer parte do gabinete que se ia constituir.

—Se eu lhe responder sim — replicou o sr. Briand — tenho o ar de alguem que se oferece, se eu lhe responder não digo-lhe uma coisa que é talvez excessiva...

Quando se soube que o sr. Caillaux ia aceitar a pasta das Finanças, o sr. Poincaré teve um momento de colera irreprimivel:

—Isso é uma brincadeira! Uma brincadeira de mau gosto... A não ser que seja um desafio ao Senado...

Mas no dia seguinte fazia publicar num jornal da manhã uma opinião muito mais ponderada:

—A situação financeira é tal — declarava o sr. Poincaré — que não devemos preocupar-nos com questões de pessoas. Se o sr. Caillaux fôsse capaz de nos tirar dos nossos embaraços, eu não poderia recuzar-lhe o meu voto.

Num dado momento correu o boato de que o sr. Malvy faria parte, como o sr. Caillaux, do novo ministerio.

—Que pasta poderia dar-se-lhe? — preguntava-se.

—Naturalmente a das Reparações — respondeu o sr. Briand.

* * *

Tudo isto é muito amavel, muito polido, muito elegante — de uma elegancia quasi cavalharesca, unica talvez na Europa.

Mas, constituido o governo, o sentimento que domina agora em França é o da curiosidade. Curiosidade justificadissima, curiosidade extrema.

Nunca ninguem conseguiu, como o sr. Painlevé, reunir em torno de si tão brilhantes competencias; nunca se viu ninguem triunfar em calculos tão minuciosos e tão habeis para conciliar os partidos, as assembleias, as opiniões e os homens.

O novo ministerio é um grande ministerio — e a Inglaterra, pela voz do seu governo, os Estados Unidos que, quando se não cegam voluntariamente de ilusões, sabem ver maravilhosamente as coisas, a Alemanha, onde a canditatura de Hindenburgo estava constituindo uma grave ameaça, aclamam com uma efusiva simpatia esse governo do sr. Painlevé.

Depois ha nesse governo um imprevisto tão emocionante que está alvorando os corações de todos.

E' o caso do sr. Caillaux.

Este homem que foi perseguido pelo Senado por correspondencia com o inimigo durante a guerra, este homem que foi condenado, proscrito, ultrajado, vilipendiado, este homem a quem a policia recusava ainda ha pouco a permissão para vir a Paris, este homem que muitos consideravam um reprobo e um vendido vai surgir agora — deante desse mesmo Senado que ha anos o condenou — como o salvador da França.

A situação do sr. Caillaux é neste momento mais sensacional do que nunca e a obra politica do sr. Painlevé — que vai subordinar-se grandemente á obra do seu ministro das Finanças — começa assim romantica e corajosamente.

Porque a reintegração do sr. Caillaux no seu posto de honra tem o ar comovedor de uma reparação ou de uma nobre vingança no desenlace de um drama antigo.

Chagas Franco

DE ROMA

AINDA que Mussolini defenda as mulheres a Camara não as deixa votar...

ROMA, 25

Mussolini declarou aos jornalistas que era partidario do sufragio femenino.

Esta declaração tem sido recebida, com muitos sarcasmos.

O projecto que foi apresentado á Camara dando votos ás mulheres recebeu parecer desfavoravel, apesar da opinião de Mussolini.

Os jornais não publicam na integra o discurso pronunciado por Mussolini na reunião do grande conselho fascista, mas dão sumarios desse discurso, em que se notam varios pontos muito interessantes.

Segundo a opinião de Mussolini o unico partido de oposição que tem importancia é o partido unitario socialista, cujos dirigentes têm a confiança dos seus partidarios.

O chefe do governo italiano disse que era absolutamente necessario que os dirigentes fascistas não insultassem os seus oponentes porque isto dava lugar a conflitos pessoais seguidos de represalias que eram de deplorar.

Mussolini citou o exemplo da Russia, dizendo que o governo russo exerce repressão apenas contra os araques feitos contra ele e que o governo italiano dispõe de todos os meios legais para se fazer respeitar, sem que haja necessidade de se fazer uso de lesgislação especial nem de violencias dos seus partidarios. — (R.)

Aumentam os partidarios do «fascismo»

ROMA, 25

O Grande Conselho Fascista aprovou o relatorio do seu secretario geral, sr. Farinacci, no qual se constata a optima situação da Italia e o aumento dos partidarios do Fascismo.

O general Randolfo, comandante geral da milicia nacional, assegurou que o seu corpo de tropas conservará o seu caracter voluntario, ao serviço da Nação e do Fascismo.—(L.)

A França e o soldado desconhecido italiano

ROMA, 25

A delegação francesa á conferencia interparlamentar de comercio prestou uma solene homenagem ao Soldado Desconhecido.

O presidente da delegação, sr. Leredu, depôs em nome do Parlamento francês uma magnifica corôa de flores sobre o tumulo do heroi morto pela grandeza da Patria e pela defeza do Direito.—(H.)

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TARDE POLITICA

Vai fechar o Parlamento durante o estado de sitio

Não nos enganámos por muito quando ontem cautelosamente fizemos esta secção. De facto não se liquidou parlamentarmente o caso dos deputados Cunha Leal e Garcia Loureiro e apesar de todas as pressões em contrario, a Camara dos Deputados, não por votos, mas pelo intimo consenso nos seus parlamentares, resolveu aguardar para segunda-feira o que do comando da divisão lhes seja comunicado.

E dizem: se houver provas contra o sr. Cunha Leal, a Camara já não tem que se pronunciar. Se não houver provas, o sr. Cunha Leal será posto em liberdade sem que a Camara tenha que se intrometer no caso. Foram estas as razões porque ontem não houve sessão nocturna na Camara dos Deputados.

* * *

Constava hoje que na possibilidade de na proxima segunda-feira não estar ainda concluido o processo militar sobre os dois parlamentares presos, só na terça-feira haverá sessão na Camara dos Deputados, a não ser que tudo se componha até lá.

* * *

Continua a afirmar-se que, logo que termine o debate sobre os ultimos acontecimentos, o Parlamento será adiado por um mês, ou, pelo menos, enquanto durar o estado de sitio. E' crivel que assim aconteça, visto o governo se encontrar assegurado com todas as autorisações indispensaveis a uma vida a todos os respeitos desafogada.

* * *

Chega-nos agora a informação de que, por falta de provas, o sr. Cunha Leal será posto em liberdade na proxima segunda-feira.

* * *

Um deputado da maioria, com quem sobre a informação anterior trocámos impressões, disse-nos:

—«Deve ser verdade. Mas se o não fôr, a Camara resolverá assim, visto nada existir que determine o contrario.»

Confirmam-se assim as nossas informações e até os nossos calculos em votos. Em qualquer das hipoteses, a liberdade dos dois deputados presos será um facto, nas quarenta e oito horas mais proximas.

* * *

O sr. Presidente da Republica, antes de dar a resposta definitiva sobre a sua renuncia, chamou a um gabinete o sr. Antonio Maria da Silva e a seguir o sr. dr. José Domingues dos Santos. Depois sairam os três desse gabinete e o sr. Presidente da Republica respondeu — fico.

Foi o que se passou, tendo sido o sr. dr. Vasco Borges, segundo nos informam, quem falou em nome da delegação parlamentar.

* * *

Foram exonerados de comandante em chefe e de chefe do estado maior das forças navais no Tejo, respectivamente o contra-almirante Macedo e Couto e o capitão de fragata sr. Emilio Gageau, que haviam sido nomeados para esses lugares durante os ultimos acontecimentos.

* * *

Parece que o sr. Ministro das Colonias ofereceu o logar de governador geral da India ao sr. general Vieira da Rocha.

A TARDE PARLAMENTAR

A renuncia do chefe do Estado e a manifestação NO PARLAMENTO

Quando a gente entrou no Senado, estava o sr. Joaquim Crisostomo escamadissimo a dizer mal do monopolio dos fosforos. O ilustre senador, com a mão direita no bolso das calças, e com a cabeça no seu lugar, falou como raras vezes se fala contra a proposta de lei respeitante ás acendalhas a que soe chamar-se fosforos cá em Portugal.

Passeou nas cercanias do lugar que lhe compete; gesticulou com veemencia; entusiasmou-se com a sinceridade evidente das palavras proferidas; limpou do suor a amplidão descapilada do craneo; e... foi interrompido pelos srs. Artur Costa e Medeiros Franco.

A reatar, depois das costumadas operações de desinterrupção:

—Portanto, sr. presidente... não sei que opinião têm, a tal respeito, os meus ilustres colegas...

O sr. dr. Costa Junior, com uma faca sevilhana de meio metro, escondida debaixo do fraque, intrometeu-se tambem a fazer «blague». O orador, chamada a sua atenção para o instrumento, deu por findas as suas considerações; e, como fosse chegada a hora da reunião do Congresso, foram-se todos embora para a outra banda. Quere dizer: foram todos para o lado de lá do Parlamento; para a Camara dos Deputados.

A reunião do Congresso

A's 4,15 está a fazer-se a chamada nos Deputados, para reunião do Congresso. Ha um grande movimento na sala; movimento—já se vê—destes de andar para cá e para lá, sem intuitos de ofensa á Constituição. Os srs. deputados, para fazerem alguma coisa, constituiram-se em grupos, aqui e acolá, e estão á espera do inicio dos trabalhos como quando se aguarda o levantar do pano num entre-acto teatral.

Leram-se os nomes todos do «quorum»; declarou-se aberta a sessão; deu-se entrada nas galerias, ao respeitavel publico, que acorreu pouco numeroso ás surpresas do espectaculo; notou-se que o sr. Tavares de Carvalho se apresentou tarjado de coiro da cintura para cima, em «toilette» de campanha; e fez se silencio para ouvir o sr. Carvalho da Silva, que disse, em nome dos monarquicos:

—Em nome deste lado da Camara não posso deixar de lavrar o meu protesto contra a maneira como decorreram ontem os trabalhos parlamentares, contrarios como temos sido sempre á intervenção das galerias nos trabalhos parlamentares.

Uma gargalhada anonima, da esquerda, a servir de comentario:

—Ah! Ah! Ah! Deixa-me cá rir!

A'laia de resposta, o sr. Correia Barreto, na presidencia, comunicou á assembleia a boa nova da desistencia do sr. Presidente da Republica, do seu pedido de renuncia, e houve uma grande manifestação—o publico e os srs. congressistas em dueto de aplausos:

—Viva o sr. Presidente da Republica!

—Viva!

—Viva a Republica!

—Viva!

—Vivam os homens honrados da nossa terra!

—Vivam!

Uma senhora de chapeu associou-se, entusiasmada, ás palmas; e aplaudiu tambem.

Depois, procedeu-se á evacuação voluntaria da sala.

O "Breguet 9" chegou a Madrid ás 16,30

Esta tarde, foi recebido na Inspecção Geral da Aeronautica Militar, o seguinte telegrama:

«TALAVERA DE LA REINA, 25—(11 da manhã).

Forçados aterragem falta gazolina. Velocidade média 84 quilometros resultante fortissimo vento prôa. Cumprimentamos V. Ex.ª e oficiais aviação. Seguimos tarde Madrid.

BEIRES. major»

A' hora de fecharmos o nosso jornal, recebemos o seguinte telegrama:

«MADRID, 25, ás 17—Aviadores vindos de Talavera, aterraram aqui ás 16,30.—(Especial)»

Tentativa de assalto ao deposito de material de guerra

A' meia noite e meia hora de ontem, deu-se uma tentativa de assalto ao deposito de material de guerra de Beirolas, que se repetiu ás 5 e meia de hoje. Tanto uma como a outra foram repelidas, travando-se nutrido tiroteio que alarmou toda a visinhança.

Tauromaquia

A corrida de ámanhã

Deve revestir grande brilhantismo a grandiosa corrida de ámanhã, no Campo Pequeno, em que tomam parte o notavel espada Sanchez Mejias, o primoroso cavaleiro Simão da Veiga (filho) e o popular Rufino da Costa.

Uma "parede" dos alunos da Escola Rodrigues Sampaio

Esta tarde, os alunos da Escola Preparatoria Rodrigues Sampaio declararam-se em greve, em sinal de protesto contra alguns castigos aplicados pelo seu director.

Os ACONTECIMENTOS

Foi adiada a manifestação popular ao Palacio de Belem

Do Comando da 1.ª Divisão enviam-nos a comunicação seguinte:

O General Comandante da 1.ª Divisão e Governador Militar de Lisboa comunica-nos que, na hora critica que se atravessa, não é conveniente, nem patriotico, que os amigos do governo e da Republica realisem qualquer manifestação, em que era quasi certo que se misturassem inimigos da Ordem, procurando lançar a desordem nos espiritos e o alarme na população.

Haja em todos: Serenidade e Confiança!

Em virtude desta nota do Comando da Divisão, não se realizou a manifestação ao Chefe do Estado, que devia sair hoje, ás 15 horas, da Praça Luiz de Camões para Belem.

Esta manifestação foi adiada para quando terminar a suspensão de garantias.

O Chefe do Estado visita os feridos

O sr. Presidente da Republica, acompanhado do seu oficial ás ordens capitão sr. Florentino Martins, visitou esta manhã os feridos do movimento, que se encontram no Hospital de Belem.

O Chefe do Estado recebeu hoje todos os ministros a quem deu assinatura, sendo no final felicitado por todos.

O sr. Teixeira Gomes fez-se representar pelo seu secretario particular, sr. Viana de Carvalho, no funeral do filho do senador sr. Herculano Galhardo.

Na Presidencia da Republica tem-se recebido centenas de telegramas de felicitações.

A acção da G. N. R.

O general comandante da G. N. R. sr. Vieira da Rocha esteve hoje de manhã nas sédes dos comandos dos batalhões 1 (Graça), 2 (Campolide), regimento de cavalaria (Cabeço de Bola) a apresentar cumprimentos aos respectivos comandantes e oficiais pela forma decisiva e desciplinada como as praças das unidades sob as suas ordens se portaram durante a revolução, o que mostra que as praças se encontram compenetradas dos seus deveres para com a Patria e a Republica, bem como é digno de registo o não ter havido a minima defecção nem por parte de alguma unidade nem de oficial graduado ou praça isoladamente, o que muito honra os comandantes dos batalhões e regimento de cavalaria e a G. N. R. em geral.

* * *

Informam-nos do Governo Civil:

O capitão sr. Jorge de Carvalho, adjunto da P. S. E. auxiliado pelos agentes José Augusto, Filipe da Silva, Soares, Gonçalves e Ramos, está trabalhando activamente na organização dos processos, a fim de apurar as responsabilidades dos individuos que se encontram presos por motivo do recente movimento revolucionario.

A policia especial do comissariado geral tem procedido ultimamente a prisões de varios individuos conhecidos pelas suas ideias avançadas. As participações das suas capturas ainda não foram entregues á P. S. E. Nestas condições, foram presos a noite passada os legionarios Daniel Severino e José de Sousa.

* * *

Na Armada: a prevenção passou hoje a ser simples.